



Sexualidade e pós-modernidade*

Luís Carlos Menezes**, São Paulo

O autor enfatiza na concepção freudiana do sexual a descoberta de uma indeterminação, de uma imprevisibilidade a priori em seu âmago, e que a torna irreduzível, na singularidade que assume em cada um, a qualquer projeto que busque ordem e previsibilidade na condição humana, em sua inserção social. Este sexual freudiano encontrado pela psicanálise é, portanto, de saída refratário a todo projeto racionalista, tanto científico como político, próprios aos ideais da modernidade. Nas sociedades ocidentais atuais, a liberalidade e uma certa liberdade em relação aos comportamentos sexuais parecem levar, paradoxalmente, apesar dos ganhos que representam, a uma sexualidade domesticada, conformista, a um simulacro do sexual como forma contemporânea de sua repressão.

Descritores: sexualidade; modernidade/pós-modernidade; totalitarismo.

* Trabalho apresentado no Simpósio de abertura das Atividades Científicas da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, em 26 de março de 2004.

** Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.





A terrível face negra do último século pôs em crise o sonho iluminista de um mundo de homens livres convivendo em harmonia em democracias políticas, sem medo do poder discricionário de um monarca absoluto e de sua réplica celeste, mas também progressivamente libertados do autoritarismo familiar, organizado em torno do poder tirânico atribuído ao pai.

Os movimentos libertários nos trouxeram muito, ganhamos com eles, dos direitos civis da mulher, conquistados nas primeiras décadas, até alguma liberdade para dispor da fruição sexual.

W. Reich, crítico militante do opressivo controle social pré-moderno¹ sobre a sexualidade, como causa da miséria sexual das massas – e não tanto da miséria neurótica, dos Estudos da Histeria, calcado num processo intrapsíquico –, teria ficado entusiasmado se tivesse presenciado a revolução de valores e de costumes em nossas sociedades ocidentais do fim dos anos 60, marcada pelo slogan *é proibido proibir*. Nesta época, a detecção e a denúncia das formas insidiosas de controle social remanescentes sobre a vida e sobre a sexualidade das pessoas passaram a ser uma tarefa de todos os dias. O nome e a obra de Michel Foucault são um marco deste período histórico generoso, animado pela vontade de que houvesse respeito a cada um em suas particularidades e pelo rechaço de velhas e mesquinhas imposições sociais. A exigência da virgindade da mulher, tabu social tenebroso ainda nos anos 50, simplesmente deixou de existir. Os vínculos do casal deixaram de ter que ser vitalícios e o desejo de cada um em permanecer no vínculo passou a ser respeitado. A mulher separada deixou de ser uma mulher suspeita, uma *devassa* em potencial como queriam as fantasias socialmente compartilhadas sobre o desejo da mulher. As prostitutas faziam manifestações em Paris, encabeçadas por Sartre e Simone de Beauvoir, reivindicando o reconhecimento pelo Estado de sua profissão, o direito ao seguro social como qualquer trabalhador e o fim das arbitrariedades e da exploração pela polícia.

O movimento dos homossexuais por direitos sociais vai se estender pelas décadas seguintes e é atual: estes movimentos reivindicam antes de mais nada o

1. Estou tomando como referência para a modernidade as mudanças históricas relacionadas com a Revolução Francesa e com o iluminismo. Trata-se de mudar a concepção sobre o poder do Estado, considerado como emanando da vontade da maioria dos cidadãos, todos agentes políticos numa condição de igualdade de direitos. A racionalidade da organização política da sociedade vai de par com a aposta a fundo na capacidade de explorar os fenômenos da natureza pelo uso metódico da razão, tirando-os da condição de forças obscuras a cujos caprichos estavam submetidos os homens e pondo-os ao serviço do bem-estar destes. Encontrei em um livro do sociólogo Zygmunt Bauman, *Modernidade e Ambivalência* (Bauman, 1999), esta aproximação entre o projeto científico ocidental e as políticas motivadas por projetos de um ordenamento racional do convívio social, ambas caracterizando a modernidade.





respeito social como homens e mulheres e cuja orientação sexual os vinha transformando em párias aos olhos dos demais. Como tal, poderiam e podem ser objeto de zombaria, pois, ao se sentirem humilhados, devem saber que esta humilhação é natural de sua condição. Durante muito tempo foram mesmo criminalizados por isto e, em estados teocráticos, comunistas ou nazistas, presos e assassinados. Vagas de assassinatos de homossexuais ocorreram também entre nós, esta orientação sexual os destituindo, aqui e ali, da condição de seres humanos aos olhos dos outros.

Por aí vão surgindo as fissuras do projeto modernista em sua expectativa de que as coisas sejam mais simples do que são – a ciência, a física em primeiro lugar, já nas primeiras décadas do século, soa o alarme: *as coisas são mais complicadas do que pensávamos, bem menos controláveis e previsíveis, bem menos homogêneas e bem-comportadas*. Por outro lado, o projeto modernista precisa também ter do homem uma visão simplificada, e o que escapa a esta expectativa é considerado anomalia, aberração a ser eliminada. O diferente, o estranho devendo, pois, ser eliminado ou corrigido, e nós sabemos em que escala e de que forma isto foi de fato executado pelo Estado, nos mais avançados países de nossa ... civilização. É o que chamei antes de terrível face negra...

Ora, enquanto a física, ao avançar nos estudos sobre a estrutura íntima da matéria, nas primeiras décadas do século XX, conclui que *as coisas são mais complicadas, aleatórias, incertas do que se esperava*, um médico vienense, um homem imbuído pelas melhores intenções do projeto moderno do iluminismo e das ciências da natureza, ao por em prática o instrumento de exploração por ele inventado – a psicanálise –, vai encontrando, mais ou menos na mesma época, em sucessivas e vertiginosas descobertas, que o homem é todo anomalia e, estranhamente, é todo anomalia por ser um ser sexual. Pois este sexual apresenta-se a ele como estranhamente fugidio e aleatório em sua natureza, inesperado e imprevisível nas formas que toma. Ali onde se pensa que está, ele está e não está.

Escrevi, há algum tempo, no contexto de um pequeno grupo de intercâmbio entre colegas, alguma coisa sobre esta descoberta freudiana, inspirado pelo filme *Lavoura Arcaica* de Luiz Fernando Carvalho, filme que eu acabara de ver e que se baseia num livro com o mesmo título (Nassar, 2001). Mas é sobretudo a partir das impressões produzidas pelo filme que falo ali. Retomo estes comentários, pois vêm muito a propósito de nosso tema de hoje.

Nos primeiros minutos um corpo ocupa toda a tela. Há uma trepidação (confundida com o movimento de um trem, avançando veloz, pesado, barulhento), um corpo que se tensiona, se contorce aqui e lá, um braço empenhado numa estranha e frenética agitação rítmica, um rosto transfigurado pelo estado de tran-





Luis Carlos Menezes

se, a boca fortemente aberta emite alguns sons, grunhidos, e... continuamos percorrendo esta carne atravessada por uma estranha, absurda...o quê...corrente elétrica? não; possessão? não, não é algo tão razoável quanto uma possessão, não parece que aquilo seja ação de um espírito identificável e exterior ao corpo daquele homem...que se masturba. A menos que fosse um espírito fragmentado, pulverizado, atravessando, indo para lá e para cá naquele corpo, um espírito sem nome possível, não localizável, e que parece fazer parte dele. Esta *força*, esta *coisa*, desafia qualquer padrão do compreensível, é de um *non-sense* total, de uma gratuidade lógica e no entanto mostra-se ali com chocante vigor, antes que, de repente, cesse.

Não é obsceno ou grotesco. O cineasta deu a ver outra coisa: ali estava o tão falado *sexual* do Colombo vienense: em sua *aparição* é um quase nada, é algo insensato, gratuito, que *não teria nenhuma razão para estar ali* e que, em sua estranheza insignificante, dá à carne, introduz na carne como que *a loucura em sua essência (uma lógica do non-sense)*.

O filme todo me fez acompanhar o dramático, paradoxal e escorregadio encontro-sempre desencontro entre *isto* e as falas. Impossível separá-los, é o que vamos vendo: a fala vai dizendo e transpondo em cenas de lembranças passadas, outras atuais, este sexual que a irriga, ela que, em seu potencial de *loucura*, parece ser o que enlouquece o corpo.

Achei admirável a tentativa (fracassada) de conversa entre pai e filho, à mesa das refeições da família e dos ensinamentos do pai, quase no final do filme, em que o pai amorosamente pede ao filho que fale. O filho diz ser impossível dizer, e ser ouvido, a loucura que o habita. O pai insiste, confiante que não há o que não possa ser dito, em seu profundo desejo de ajudar o filho e de restaurar a harmonia familiar. O filho então tenta dizer, e em sua fala reconhecemos que está tentando dizer aquilo que fora visto como *aparição* (o sexual), e mais sua fala o diz, mais ela soa absurda, incompreensível, não-situável em nenhum dos códigos do pai. Ela é portadora de um potencial intrínseco desestabilizador que impossibilita qualquer harmonia na família e na linguagem – o espectador o percebe, o sente fortemente.

O pai vai se exasperando e acaba proibindo-o de continuar falando *aquilo*. O filho obedece e afirma obediência ao pai em seu desejo de ser acolhido nos braços e nos sentimentos dele e na harmonia familiar. O pai chora comovido. Mas a cena final não tarda: a família, que é de origem árabe, dança, quando a filha se põe no meio da roda a dançar uma dança maravilhosamente sensual. Exasperação. A mãe tenta cobri-la protegendo-a contra o pai, que acabara de saber de sua relação incestuosa com o irmão e que com uma foice a mata. Acaba caído, derrotado,





num canto...Não se trata de um pai ruim, nem de um pai paranóico, pelo contrário, é um pai à antiga, mas muito amoroso com sua mulher e filhos, que lhes ensina coisas sábias, lhes ensina o amor e a tolerância e as pratica. Mas há o sexual, que escorrega, que escapa, que se mostra intrinsecamente resistente a qualquer lógica do razoável.

Nesta estranha articulação entre o sexual e a linguagem, dicotomia que não parece se sustentar, pois ora a fala está no sexual, ora o sexual só parece existir pelo feitiço das palavras e dos gestos, pensei no princípio da indeterminação de Heisenberg, até onde pude entendê-lo, ou seja, de que no nível das partículas subatômicas, de um elétron, não é possível determinar simultaneamente a *sua* posição e a *sua* velocidade. Sua entre aspas, porque daí decorre que fica em aberto, indeterminado se *isto* a que se refere um (a velocidade, por exemplo) é o mesmo *isto* a que se refere o outro (a posição). É possível que haja reparos importantes a serem feitos, por um físico, a esta compreensão minha das coisas.

Mas, de toda maneira, ela me deu uma referência para pensar o que este filme mostra, isto é, a superposição, o tempo todo escorregadia, descompassada, mas necessária, entre o que a psicanálise, desde os Três Ensaios (Freud,1905), chamou de *sexual* e a linguagem. Esta relação parece regida também por um princípio de indeterminação, em que, quando pensamos pegar o sexual, a linguagem está ali e quando estamos na fala, o sexual de repente parece imantá-la. O complexo de Édipo aparece no filme como o grande ringue em que o embate entre linguagem e sexual tende a encontrar alguma forma, mais ou menos precária, sustentável, vivível, quem sabe um pouco *razoável* ou harmoniosa.

Estranho mesmo este incerto humano carne-palavra, este humano da Trieb (pulsão), que o austero médico vienense descobriu, e que encontrei de forma tão tangível do começo ao fim deste filme. Que sentido poderia ter a palavra transferência fora deste terreno? Não terá havido aí uma descoberta vertiginosa da qual só aos poucos vamos alcançando a real extensão? E é algo que encontramos em nós e em nosso trabalho, o tempo todo, em infinitas configurações e problemáticas. Nós somos isto.

A sexualidade, como foi encontrada por Freud, aparece como fio condutor que permeia, que leva ao cerne da condição humana, da *natureza* humana, para usar o título de um livro de Winnicott (1988), e que explorada mais adiante leva aos limites do que podemos entender como psíquico. Penso no artigo de 1919 sobre Bate-se (ou espanca-se) uma criança ou Uma criança é espancada, no qual Freud chega a postular este limite na fantasia, ali onde o desejo não é um sujeito desejando um objeto, mas onde o sujeito coincide com o objeto (Freud,1919).

E o desdobramento no texto escrito logo em seguida, Além do princípio do



prazer (Freud, 1920), no qual parece que somos levados a um ponto limite, mas de grande importância clínica, no qual o que é suposto agir, o mais elementar, no limite do sexual, não pode ser pensado em termos de uma figuração, de uma representação, nem de um afeto, sendo algo sem rosto e sem desejo, pura queda neste silêncio sem fim que é o silêncio das coisas inanimadas às quais ainda não demos a vida de que precisam para nos fazerem companhia. Fazer isto seria o que, em linguagem energética, Freud aponta ali como a tarefa de ligar, atividade prioritária, urgente, vital para o aparelho psíquico, antes mesmo de poder se movimentar como desejo.

Sinto-me devedor por não ter falado naquilo que estamos hoje constatando, perplexos, e que alguns pensadores sagazes, há algumas décadas, vêm tematizando, ou seja, que a liberdade está se tornando refém de um modo pragmatista e mercantil de ser livre. Algo que Reich, nosso companheiro imaginário de hoje, não compreenderia de modo algum: as pessoas podem tudo, nenhuma repressão social ao sexual, imagens de corpos insinuante e sensuais por toda parte, o sexo livre como consenso social fazendo parte das boas referências da saúde e do bem-estar, assim como o livre falar do sexo. Pode-se viver sexo à vontade. Em lugar de miséria sexual, ele encontraria as condições, por assim dizer, de abundância sexual. Há sexo à vontade, por toda parte. Tudo pode ser vivido. É ruim que seja assim? Ora, não vamos cair num neo-moralismo, num moralismo de barriga cheia, num moralismo pós-moderno.

Mas há um problema. No nazismo, de outra forma no comunismo, ou na Igreja Católica, se tinha ou se tem um entendimento pré-freudiano, racionalista, essencialmente biológico e portanto simples da sexualidade e da sexuação dos corpos. Macho e fêmea, bem constituídos, bons reprodutores, e que para isto têm, com dizia Jung, um prêmio de prazer (Jung, 1912) com acasalamentos de onde vão sair alemãezinhos de pura raça, ou então futuros camaradas fortes e saudáveis para trabalharem voltados para o bem geral – tudo se encaixa dentro de uma racionalidade higienista. Ora, nas nossas sociedades ocidentais liberais parece que tende a se generalizar no imaginário coletivo, na mídia, na publicidade, este sexual sem complexos por toda parte, em que belos corpos desejam belos corpos, ou/e se empenham tenazmente em manter os corpos saudáveis, *bem em forma* e atraentes. Por vezes, parece até que o afã da forma e da saúde estão em primeiro plano, as vantagens que daí decorrem para as conquistas sexuais tornando-se um detalhe secundário.

Paradoxalmente, nesta perspectiva, vemos que o sexual se torna operativo, exatamente como nas concepções biológicas dos regimes totalitários mencionados. Temos de novo a raça pura de corpos bem tratados, bem saudáveis e feli-



zes. Felicidade rimando então, de algum modo, com imbecilidade, porque simulacro coletivista.

Por uma triste ironia da história, continuo com um Reich desolado ao meu lado, vemos que, num ambiente social sem nenhuma repressão sexual, ao contrário, com uma oferta ampla e irrestrita de sexo, vemos que o sexual sucumbe, sob uma representação homogênea e totalitária do que seja o desejo e a sexualidade e que é perfeitamente adaptada para o funcionamento de uma economia de frenética circulação de mercadorias. De novo o sexual foi exorcizado, transmutado num simulacro bem-comportado, para que possa bem funcionar o projeto social total. Somos humanos por um sexual que nos torna irreduzíveis a qualquer forma padronizada de ser e, no entanto, parece que, vira e mexe, nos encontramos transformados em ovelhas dóceis de um rebanho. Mas o que sabemos da psicanálise é que é nessa tensão que a história transcorre e nela que reside o mal-estar nas culturas.

Deixarei mais claro o que estou dizendo com esta passagem de Octávio Paz sobre o sexual:

O corpo alheio é um obstáculo ou uma ponte; é preciso ultrapassá-los. O desejo – a imaginação erótica, a visão erótica – atravessa os corpos, torna-os transparentes. Ou os aniquila. Mais além de você, de mim, pelo corpo, no corpo, mais além do corpo, queremos ver algo. Esse algo é a fascinação erótica., o que me tira de mim e me leva a você: o que me faz ir mais além de você. Não sabemos com certeza o que é, só que é algo mais. Mais que a história, mais que o sexo, mais que a vida, mais que a morte (Paz, 1993, p. 34-35). □

Abstract

Sexuality and post-modernity

In the Freudian concept of what is sexual, the author emphasizes the discovery of a lack of determination, of an a priori unpredictability at its core, which renders it irreducible, in the uniqueness it takes on in each person, in any project that seeks order and predictability in the human condition, in its social insertion. This Freudian aspect of what is sexual found by psychoanalysis is, therefore, immediately refractory to any rationalistic project, both scientific and political, specific to the ideals of modernity. In current Western societies, liberality and a certain freedom of sexual behaviors appears to lead, paradoxically, despite the gains they represent, to a *domesticated*, conformist sexuality, a simulacrum of what is sexual as a contemporary form of its repression.





Luís Carlos Menezes

Key words: sexuality; modernity/post-modernity; totalitarianism.

Resumen

Sexualidad y posmodernidad

El autor enfatiza en la concepción freudiana de lo sexual la descubierta de una indeterminación, de una imprevisibilidad a priori en su ámago, y que la torna irreductible, en la singularidad que asume em cada uno, a cualquier proyecto que busque orden y previsibilidad en la condición humana, en su inserción social. Este sexual freudiano encontrado por la psicoanálisis es, por lo tanto, de salida refractario a todo proyecto racionalista, tanto científico como político, propios a los ideales de la modernidad. Em las sociedades occidentales actuales, la liberalidad y una cierta libertad en relación a los comportamientos sexuales parecen llevar, paradójicamente, a pesar de los gaños que representan, a una sexualidad *domesticada*, conformista, a un simulacro de lo sexual como forma contemporánea de su represión.

Palabras llave: sexualidad; modernidad/posmodernidad; totalitarismo.

Referências

- BAUMAN, Z. (1999). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FREUD, S. (1905). *Trois essais sur la théorie sexuelle*. Paris: Gallimard, 1987.
- . (1919). Un enfant est battu. In: *Névrose, psychose e perversion*. Paris: PUF, 1974.
- . (1920). Au-delà du principe de plaisir. In: ———. *Oeuvres Complètes*. v. 15. Paris: PUF, 1996.
- JUNG, C.G. (1912). *Transformaciones y símbolos de la libido*. Buenos Aires: Paidós, 1953.
- NASSAR, R. (1975). *Lavoura arcaica*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- PAZ, O. (1993). *Um mais além do erótico: Sade*. São Paulo: Mandarim, 1999.
- WINNICOTT, D.W. (1988). *La nature humaine*. Paris: Gallimard, 1993.

Recebido em 26/03/2004

Aceito em 07/04/2004

Luís Carlos Menezes

Rua Deputado Lacerda Franco, 300/134

05418-000 – São Paulo – SP – Brasil

E-mail: menezesl@osite.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

86 □ Revista de Psicanálise da SPPA, v. 11, n. 1, p.79-86, abril 2004

